



## O sentido de habitar

*como se fosse a casa (uma correspondência),*  
de Ana Martins Marques e Eduardo Jorge

Lyza Brasil Herranz\*

“Duas pessoas dançando / a mesma música / em dias diferentes / formam um par?” E dois poetas? Ana Martins Marques e Eduardo Jorge formaram uma casa, ou *como se fosse a casa (uma correspondência)*, para ser habitada: a casa e seu avesso, o e-mail como trajeto, a poesia do gesto, a distância pela imagem. O delicado livrinho, editado em 2017, logo remete ao poema de Vinicius: “Era uma casa / Muito engraçada”, pura arquitetura de palavras. No desenho da capa, lê-se o dentro e o fora, o rascunho e a cor, as lacunas e a presença, as duas vozes: canto dela, contracanto dele, quanto de azul há no branco, e vice-versa? Em azul sobre fundo branco, os poemas dela; em branco sobre fundo azul, os dele; o conjunto é um dueto visual que dá a ver o diálogo que originou a obra. Ana morou um mês no apartamento de Eduardo e, no período, corresponderam-se por linhas que se tornaram versos – ele em viagem, ela, em terceira pessoa, observando Belo Horizonte do edifício JK, projetado por Oscar Niemeyer: “enquanto as janelas pouco a pouco se acendem / ela perde a conta das estrelas / e dos faróis que formam em torno da praça / um semicírculo de luz”.

\* Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Do outro lado do mar, onde se exhibe “o letreiro Roma 24 horas”, ele revela o que o pronome “ela” guarda: “se ela *personne* personae, / busca a porta em terceira pessoa, / uma ana neutra, protegida / em dicionário germânico, / traz uma fortaleza cifrada, / quem lê poemas expõe / o dorso à intimidade da casa”. Se a casa protege das intempéries, o poema revela as identidades. Não há refúgio ou neutralidade se a leitura – e a escrita – é já exposição. Michel Foucault, que teorizou sobre a carta em “A escrita de si”, disse que ela torna presente o escritor – uma presença imediata e quase física – àquele a quem se dirige, de modo que “escrever é pois ‘mostrar-se’, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro”. Em primeira ou terceira pessoa, ele e ela, nós, penetramos essa correspondência que não é outra coisa senão a própria casa, seu alicerce as palavras, debruçadas sobre a noite e o mar.

Nela encontramos garatujas verbais como modo de inaugurar a linguagem, fazê-la balbuciar, ganhar ares de criança, porque se “o cansaço é o fim da infância / pode ser que seja assim / que só para elas / exista a casa / absolutamente”. As crianças se movem pela casa em devaneios, que a expandem oniricamente. A casa cresce, cria raízes fundas ou se dissipa ao primeiro vento. A infância invade a casa, a casa acolhe a infância. Do sótão ao porão, as crianças exploram os recantos, aventuram-se no espaço com a mesma entrega louca dos sonhadores que, na dialética imaginária, se plenificam nos próprios sonhos. Como nunca, morar. Depois, ela continua, “depois isto: ensaios de morar / onde melhor nos convém / experimentos de ajuste / do corpo à arquitetura / ligeiro desconforto / e desamparo infinito”.

Mas a que língua pertencem as palavras convertidas em material de construção? Em que língua se inscrevem os poemas escritos nessa partilha dos desvãos, dos objetos perdidos, da matéria

pulsante, dos cômodos alheios e quinas desajeitadas que sustentam a casa? Talvez essa a pergunta-chave. Minha pátria é minha língua? Ela responde: “penso que, como disse Jean Améry sobre a pátria, / uma casa é aquilo de que menos se necessita / quanto mais se tem”. Os deslocamentos da língua, as migrações da pátria. Jean Améry, ensaísta austríaco, rompeu com a cultura germânica desde o nome francês adotado contra a memória dos campos de concentração pelos quais passou. Mas o nome não pôde ser casa: suicidou-se na Áustria, onde, por muitos anos, não quis que publicassem seus ensaios. Viveu em Bruxelas, mas se suicidou na Áustria, cedendo o corpo às palavras exiladas: “A língua materna e o país da infância crescem conosco e tornam-se assim o universo familiar que nos garante a segurança”, escreveu em *Além do crime e castigo: tentativas de superação*.

Logo, em uma “viagem à Itália”, a língua portuguesa, para ele, “é a língua essa que / tenho, // [...] a língua nua / a que tenho, umbigo // abaixo, abrigo quase / casa”. A língua, ponte estirada sobre o Atlântico, lançada à escuta do outro, à espera do aceno a distância, é convite à invenção conjunta – enquanto “ele frequenta os extremos do dia”, ela tateia os abismos da noite: “(Espera: estou inventando uma língua / para dizer o que preciso)”. Cada começo – mesmo que provisório – exige uma nova língua, uma espécie de língua estrangeira dentro do país natal e no interior da língua materna.

É que ela (a língua?) está, também, em trânsito: “Em viagem na própria cidade ela procura sentir / a respiração da casa”. Por isso, os poemas tentam captar a realidade da experiência, alcançar o verdadeiro sentido de habitar, de pertencer, de fixar-se, com toda a sua instabilidade, os desejos de mobilidade e mudança, rotas de fuga e planos de emergência. Afinal, estamos sempre à procura da casa, do sítio onde pousar o cansaço, em que seja menos difícil respirar e

sair seja antes de tudo voltar. É nesse lugar que, como disse Gaston Bachelard em sua *Poética do espaço*, “nos enraizamos, dia a dia, num ‘canto do mundo’”. E ainda: “Pelos poemas, talvez mais do que pelas lembranças, tocamos o fundo poético do espaço da casa”, que, nos versos em questão, aparece como “uma membrana entre o corpo e a noite / um filtro para as formas do mundo / anteparo contra os golpes do dia, onde as vigas / se põem a cantar”. No canto, reunimos o disperso, afastamos as contingências, descobrimos a casa, que nunca é apenas a casa. O contorno de uma casa é o seu entorno:

Quando alugamos um apartamento alugamos  
 uma paisagem alugamos vizinhos com os quais  
 cruzamos no elevador a temperatura das manhãs  
 determinados barulhos certas incidências  
 do sol poeira alugamos as palavras  
 que nos dirigem os porteiros as distâncias relativas  
 dos lugares que frequentamos alugamos os lugares  
 que passamos a frequentar o cheiro de tinta o toque  
 dos tacos alugamos o direito de dizer que aí moramos  
 o salvo-conduto para entrar e sair e mesmo a permissão  
 para morrer aí alugamos a memória futura  
 de um apartamento e o direito de metê-lo  
 num poema

Assim esses poemas, *correspondidos* porque respondidos *com* e *ao* outro para *si*, em fina sintonia. Endereçar-se, como mostra Foucault naquele mesmo ensaio, é um ato duplo: “a carta enviada atua, em virtude do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como atua, pela leitura e a

releitura, sobre aquele que a recebe”. Assim a casa de Ana Martins Marques e Eduardo Jorge, nela preservados os passos com os quais cada um, a seu modo, dança no (des)compasso que a fundamenta. Assim a minha casa, nossa, “minha casa é meu cansaço / minha miopia / minha artrite [...] minha casa é o mar / aberto / [...] minha casa é aquele mergulho aquele dia”. Assim, a casa: “um dia você retorna / e a casa não está lá / está apenas seu molde / casca ou carcaça”. Era mesmo engraçada, não tinha teto, não tinha nada.